

# O MITO DO PAPA PAGÃO: URBANO VIII, CAMPANELLA E ASTROLOGIA

Por Diogo Rafael Moreira  
+55 (47) 99101-3580  
[controversiacatolica.com](http://controversiacatolica.com)

Em seu vídeo «*O Papa Pagão: Ocultismo no Mundo Moderno*», uma moça chamada Débora Barbosa afirma que o Papa Urbano VIII, com a ajuda do frade dominicano Tommaso Campanella, esteve envolvido em um ritual de magia negra, um ritual pagão, que tinha em vista salvar o papa da influência maléfica de um eclipse.<sup>1</sup>

De onde ela tirou essa história? Parece que a ideia veio, em grande parte, do oitavo capítulo da obra «*Power and Religion in Baroque Rome: Barberini Cultural Policies*» [Poder e Religião na Roma Barroca: As Políticas Culturais de Barberini]<sup>2</sup> escrita pelo professor holandês Peter Rietbergen, que, no curso de meu estudo, apelidei de «holandês voador», pelo seu modo um tanto imaginativo e criativo de fazer história. Depois de lê-lo e confrontá-lo com outros estudos, e após ter assistido com cuidado e refletido sobre o vídeo publicado pela Sra. Débora, gostaria de explicar o que realmente pode ter acontecido com o Papa Urbano VIII e Campanella, ao mesmo tempo que corrijo o que há de errado ou exagerado no vídeo dela.

## 1. O VERDADEIRO CAMPANELLA

Primeiramente, a autora do vídeo começa dando a entender que o filósofo Tommaso Campanella era um frade renegado, ocultista e herético, que morria de medo da Inquisição, o qual se livrou desta, uma vez para sempre, somente depois de ter conseguido salvar o Papa da morte por meio da magia negra.<sup>3</sup>

Além disso, segundo ela, em sua obra mais conhecida, «*La Città del Sole*» (A Cidade do Sol de 1602), Campanella teria pregado uma sociedade perfeita pagã, que nada difere daquela dos controladores do mundo e das sociedades secretas.

Essas duas afirmações sobre Campanella são inteiramente falsas.

Não obstante ele sempre tenha sido excêntrico por suas ideias filosóficas e práticas astrológicas, enquanto esteve na prisão em Nápoles, Campanella passou por um processo de conversão e conseguiu, por meio de cartas, amigos e livros publicados, reabilitar a sua imagem perante as autoridades civis e eclesiásticas. Seu tom habitualmente altivo e assertivo foi dando lugar a uma linguagem mais comedida e humilde, propondo não mais ser o profeta de uma nova era, como antes, mas contentando-se em ajudar na missão de converter as nações do mundo ao Evangelho de Jesus Cristo em reparação aos seus erros passados.

Nesse contexto, aliás, a obra *Città del Sole* é um exemplo entre muitas obras de Campanella, nas quais o autor se esforça para esboçar, para não dizer profetizar, uma teocracia universal sob a bandeira do Papa e da Espanha, isto é, das duas potências contra as quais, pela heresia e pela sedição, ele havia se revoltado na juventude. Não cabe a nós julgar a sinceridade com que ele abraçou essas novas convicções, basta-nos ver que essa ideia persistiu em sua mente até o último suspiro (com a única diferença de que, nos últimos anos, ele trocou o Rei Católico de Espanha pela Príncipe Cristianíssimo da França Católica). Essas coisas diz o professor León Blanchet em sua obra de 1920 sobre o filósofo<sup>4</sup> e a professora Gemma Ernst em seu artigo sobre o mesmo na Enciclopédia Stanford de Filosofia.<sup>5</sup>

1 BARBOSA, EP3 - O Papa Pagão (Ocultismo No Mundo Moderno) [<https://youtu.be/pwicXzukZNE>].

2 Barberini é o sobrenome do Papa Urbano VIII, cujo nome de batismo é Maffeo Vincenzo Barberini.

3 Diferentemente de Rietbergen, Débora não distingue magia negra de magia branca, não parece estar familiarizada com esses conceitos, tudo para ela é magia negra.

4 BLANCHET, *Campanella*, pp. 42-65 [<https://archive.org/details/campanella00blan>].

5 ERNST, *Tommaso Campanella*, 2014 [<https://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/campanella/#Year>].

Quanto à ênfase que ele dá à astrologia em toda sua obra, ainda que sua visão seja influenciada mais por Platão e Marsilio Ficino do que por Aristóteles e São Tomás de Aquino, ela não faz dele um herege. Na realidade, em 1629, em decorrência de uma controvérsia em torno do opúsculo «*De siderali fato vitando*», que descreve justamente as práticas para evitar influências negativas dos astros, Campanella escreveu uma defesa bem-sucedida de sua ortodoxia, aceita pela Inquisição, na qual ele demonstra por meio de São Tomás e Santo Alberto Magno, dos Santos Padres e da Sagrada Escritura, dos filósofos e médicos antigos modernos, que o uso que ele fazia da astrologia é legítimo e que, de acordo com os conhecimentos físicos de então, a prática de usar remédios contra a influência negativa dos astros está isenta de qualquer superstição.<sup>6</sup>

Note, Sra. Débora, que essa controvérsia ocorreu enquanto Campanella estava em Roma e gozava do favor do Papa Urbano VIII, logo é falso dizer, como afirmado no vídeo, que desde então ele nunca mais foi perturbado pela Inquisição. Na verdade, se você quiser um historiador mais dramático e politicamente orientado, o Sr. Luigi Amabile irá lhe fornecer um Campanella que termina seus dias muito sofrido, desprezado e perseguido pela Igreja e pelos espanhóis.<sup>7</sup> Claro, ele não é inteiramente confiável, porque sua posição de político, adepto da recém-fundada república italiana, leva a crer que ele teria interesse em passar uma imagem negativa do Papa e da Espanha enquanto governantes da Itália, em favor de seus novos governantes leigos e nacionais.<sup>8</sup> Sendo mais objetivo, basta considerar que ninguém menos do que o geral da Ordem Dominicana e o chefe do Palácio Apostólico moveram, até o fim, uma perseguição mais ou menos aberta contra Campanella.<sup>9</sup>

## 2. A CERIMÔNIA ASTROLÓGICA

Mas voltando à controvérsia astrológica, vale a pena citar o modo como o próprio Campanella descreve tais remédios, pois é daí que as pessoas, como a Sra. Débora e o nosso distinto holandês, tiram a narrativa do “ritual pagão” supostamente aplicado ao Papa Urbano VIII. Assim diz o filósofo:

Sugere-se no opúsculo que antes do início do evento [tido por maléfico] - bem como ao longo de sua duração, e por algumas horas após o seu encerramento - o sujeito que é ameaçado por tais paixões deve se trancar em um quarto e orar a Deus, criador das estrelas, para neutralizar o mal iminente. Ele deve então decorar a casa e as paredes com panos brancos e lisos, contra a escuridão do eclipse; deve espalhar perfumes, vinagre de rosas e água destilada para anular o ar nocivo, e acender fogueiras com a madeira de terebinto, louro e murta. Deve-se então acender cinco tochas e duas lâmpadas maiores feitas de cera e preparações perfumadas, para representar os dois luzeiros [o sol e a lua] e os cinco planetas, em uma cerimônia filosófica, não supersticiosa, como está especificado no texto.<sup>10</sup>

Note bem, Sra. Débora: «cerimonia filosófica, não supersticiosa.»

O mesmo entendimento já havia em sua obra astrológica anterior, como indicado pelo título: «*Seis livros astrológicos, nos quais a astrologia, expurgada de toda superstição dos árabes e judeus, é tratada fisicamente. Segundo as Sagradas Escrituras e a doutrina de São Tomás e de Alberto e dos maiores teólogos, para que assim, sem suspeita de males, possam ser lidos com muito aproveitamento na Igreja de Deus.*»<sup>11</sup>

6 CAMPANELLA, **Apologia for the opusculum on *De siderali fato vitando***, trans. Noga Arikha with notes by Germana Ernst, *Culture and Cosmos*, Spring/Summer 2002, Vol. 6 no 1, pp. 55-71 [[http://www.cultureandcosmos.org/pdfs/6/6-1-Ernst\\_The\\_Sky\\_in\\_a\\_Room.pdf](http://www.cultureandcosmos.org/pdfs/6/6-1-Ernst_The_Sky_in_a_Room.pdf)].

7 AMABILE, **Fra Tommaso Campanella**: Vol. 2, últimas páginas [<https://www.gutenberg.org/ebooks/48332>].

8 VILLANI, **Dizionario biografico degli italiani: vol. 2: Luigi Amabile** [[https://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-amabile\\_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-amabile_(Dizionario-Biografico)/)]. A influência de seu posicionamento político sobre sua produção como historiador parece ter passado despercebida aos críticos contemporâneos, demasiadamente ocupados, ou em atacar a pessoa do Papa Urbano VIII, ou em enaltecer um Campanella anacrônico, feito à imagem e semelhança deles próprios.

9 BLANCHET, p. 57.

10 CAMPANELLA, p. 56.

11 Idem, **Astrologicorum Libri VI: in quibus astrologia...** [[https://books.google.com.br/books?id=6RV9Rnr-ADgC&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=6RV9Rnr-ADgC&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)].

Esse uso físico da astrologia, para prevenir males de saúde, é análogo ao uso que se pode fazer dela até os dias de hoje em questões de agricultura e navegação. Embora se possa discutir e questionar a veracidade de tais conjecturas – o que o próprio Campanella concedia –, é óbvio que aí não se trata já de adivinhação, superstição ou comércio com os demônios, que são os casos em que a Igreja proíbe, com veemência, essa espécie de investigação.

Para não citar teólogos, como São Tomás e Santo Alberto Magno, mas referir diretamente à autoridade docente da mesma Igreja Católica, eis a regra do Concílio de Trento, em sua Sessão XXV, que normalmente aparece nas edições do Índice de Livros Proibidos:

Os bispos cuidarão com diligência que não sejam lidos ou possuídos os livros de astrologia judiciária, tratados, catálogos, que tratando dos futuros contingentes, dos sucessos e das causas fortuitas, ou daquelas ações que dependem da vontade humana, ousem afirmar um evento como algo certo. São, porém, permitidos, os juízos e observações naturais que tenham sido redigidos no interesse da navegação, da agricultura ou da arte médica.<sup>12</sup>

Portanto, se uma pessoa, como Campanella em seu primeiro livro astrológico, entende a astrologia como um conjunto de saberes, em parte científicos, em parte frutos de conjectura e indícios, como no caso da medicina, e busca aplicar tais conhecimentos para prevenir males físicos, essa pessoa não age contra a fé católica, que não impede essas especulações.

De fato, segundo alguns autores contemporâneos, tal teria sido o caso do Papa Urbano VIII, que teria consultado Campanella para prevenir-se de males resultantes de algum eclipse. Confesso ainda não estar convencido da existência de tal evento, penso, Gemma Ernst, que a vida toda estudou Campanella, não fala senão em rumores.<sup>13</sup>

Contudo, como já se demonstrou, na hipótese de tal ter realmente ocorrido, isso seria no máximo uma ingenuidade da parte do papa e do frade dominicano, mas não um ritual pagão, magia negra, ocultismo, ou o que seja. Eles poderiam estar equivocados quanto ao diagnóstico ou tratamento, mas não eram ímpios, nem hereges. Provavelmente, os «infinitos encantamentos» de que fala, poeticamente, a Sra. Débora, eram Padres-Nossos e Ave-Marias, jaculatórias piedosas, enfim, preces a Deus, a Nossa Senhora e aos Santos, que todo bom católico está acostumado a recitar devotamente todos os dias, mas especialmente em tempos de necessidade.

### 3. PRINCIPAIS ERROS DO «HOLANDÊS VOADOR»

Claro, os amantes da calúnia e da intriga, haverão de dizer, como o Sr. Rietbergen em sua obra, que um ato de fé no sobrenatural, na intercessão dos Santos ou no poder de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento já é algum tipo de magia.<sup>14</sup> E assim a expressão «magia», empregada em um sentido amplo, mas entendida pelos leitores em seu sentido estrito e próprio, logo converterá um ato piedoso em uma grande iniquidade.

Nessa mesma escola, a astrologia e a magia (ele praticamente não faz distinção entre ambas) é coisa para pessoas oprimidas pela pobreza, violência e falta de participação política.<sup>15</sup> No mínimo, deve-se dizer que este é um modo anacrônico de ver o mundo, como se no século XVII as pessoas estivessem entupindo suas mentes com as ideias tóxicas de Voltaire, Rousseau e Karl Marx. Mas, com o intuito de defender sua visão, ele dirá que a maior parte dos monges envolvidos em assuntos de astrologia e magia são agostinianos e franciscanos, as ordenas mais antigas e constituídas por

12 INDEX LIBRORUM PROHIBITORUM, *Regulae Indicis Sacrosanctae Synodi Tridentinae Jussu Editae*: p. XII, Regula IX [[https://books.google.com.br/books?id=wWoLAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbv\\_atb#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=wWoLAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbv_atb#v=onepage&q&f=false)].

13 ERNST, *The Sky in a Room*: Campanella's *Apologeticus* in defence of the pamphlet *De siderali fato vitando*, *Culture and Cosmos*, Spring/Summer 2002, Vol. 6 no 1, p. 51 [[http://www.cultureandcosmos.org/pdfs/6/6-1-Ernst\\_The\\_Sky\\_in\\_a\\_Room.pdf](http://www.cultureandcosmos.org/pdfs/6/6-1-Ernst_The_Sky_in_a_Room.pdf)]. Em trabalho posterior, porém, ela dirá, sem provas, que tal cerimônia teria ocorrido, cf. ERNST, *Tommaso Campanella*, 2014 [<https://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/campanella/#Year>].

14 RIETBERGEN, *Power and Religion in Baroque Rome*: Barberini Cultural Policies, p. 342.

15 *Ibidem*, passim. Ele afirma-o várias vezes no capítulo oitavo de sua obra, é sua premissa e conclusão para tudo.

pessoas das camadas mais humildes da população.<sup>16</sup> Boa tentativa, caro holandês, mas estas não são nem de longe as ordens mais antigas na Igreja – elas surgiram na Idade Média! - e os maiores protagonistas de nossa história são um dominicano e um beneditino, respectivamente, Tommaso Campanella e Orazio Morandi, e ambos eram aclamados pela sua erudição. Como eram religiosos, razões econômicas tinham pouco valor para eles.

Aliás, o caso de Morandi, e não o de Campanella, foi provavelmente aquele que levou o papa a publicar, em 1631, a bula *Inscrutabilis Iudiciorum Dei*,<sup>17</sup> contra os astrólogos que, na época, dentre outras coisas, profetizavam a morte de papas e príncipes, causando grande confusão na sociedade, como fez este beneditino. Houve também, pela mesma época, quem recorresse à magia negra para induzir a morte do papa, mas o próprio Sr. Rietbergen não tem certeza se esse caso teria motivado a bula.<sup>18</sup> Se a Sra. Débora tivesse lido com atenção a sua fonte, ou outros autores que tocaram no assunto, perceberia que o Papa Urbano VIII não publicou esse documento *antes* do alegado ritual, como uma fachada, mas um tempo *depois* dele e talvez até tenha contado com a ajuda do próprio Campanella, que também era contra a astrologia judiciária.

Ainda assim, para dar mais sabor à sua narrativa, o nosso holandês afirma, sem provas, que Campanella era um herege que mal podia disfarçar a sua heresia<sup>19</sup> e que ele teria sido mandado para a França para escapar da Inquisição, sem sequer mencionar – para não estragar a sua narrativa – que o verdadeiro motivo é que ele teria sido implicado, ao que parece erroneamente, em um complô político contra os espanhóis.<sup>20</sup>

Creio que essas observações são suficientes para corrigir os principais erros históricos e teológicos contidos no livro citado pela Sr. Débora e também no seu próprio vídeo. Em resumo, o Papa Urbano VIII não era pagão ou herege, nem o é quem quer que creia em astrologia como uma conjectura provável com efeitos restritos ao mundo físico, nem Campanella era uma espécie de filósofo que queria estabelecer uma ordem pagã na sociedade, mas antes defendeu uma monarquia cristã universal.

---

16 Ibidem, p. 366.

17 URBANO VIII, **Constitutio contra astrologos iudicarios**, 1631 [[https://books.google.com.br/books?id=-laAAAAcAAJ&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=-laAAAAcAAJ&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)].

18 RIETBERGEN, p. 369.

19 Ibidem, pp. 362-3.

20 Fato omitido à página 373, mas afirmado por Amabile, Blanchet e Ernst.